

## “VÃO QUEBRAR A UNHA”: ATRAVESSAMENTOS SOCIAS DE UM HOMEM HOMOSSEXUAL PRETO EM UM TIME DE FUTEBOL GAY

*Juan Kal Rosa Romero<sup>1</sup>*  
*Mariana Ghignatti Fagundes<sup>2</sup>*  
*André Luiz dos Santos Silva<sup>3</sup>*

### RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender de que modo ocorre o processo de pertencimento de homens que são atravessados pelos marcadores sociais, raça, gênero e sexualidade em um time de futebol gay. Para produção metodológica, foi realizada uma entrevista individual com um homem negro cisgênero homossexual vinculado a uma equipe gay de futebol. Tratando-se de um estudo de caso, a análise dos dados foi norteada pelos conceitos de sexualidade e de raça. A partir das percepções individuais do participante da pesquisa, nota-se que o time, apesar de ter valores pautados no respeito às diferenças, carece quanto à diversidade, principalmente quando ela atravessa outros marcadores sociais além da sexualidade. Por causa da sua condição financeira, possuía dificuldade em estar agregado ao time de forma íntegra, ainda mais participar de campeonatos. Além disso, o time detinha na sua composição um perfil padrão de pessoas, essas brancas, com condições financeiras e em empregos com valor social. Assim, o time gay não se constitui como espaço de pertencimento para aqueles de cor e de classe social distintas.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Racismo, Futebol.

1 Mestrando do Curso de Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal Do Rio Grande do Sul – RS, [juankalromero@gmail.com](mailto:juankalromero@gmail.com);

2 Mestranda do Curso de Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal Do Rio Grande do Sul – RS, [profenanafagundes@gmail.com](mailto:profenanafagundes@gmail.com);

3 Professor orientador: Doutor, Universidade Federal Do Rio Grande do Sul – RS, [andrels@ufrgs.br](mailto:andrels@ufrgs.br)

## INTRODUÇÃO

Por alguns anos, os espaços de lazer ligados à comunidade LGBTQIAPN+, eram centralizados apenas em boates e bares. Esses, em grande parte, eram localizados nas periferias, distantes de áreas tidas como tradicionais que visavam o lazer da população nas cidades. Tais espaços propiciavam e representavam liberdade e expressão sexual, se afastando de espaços heteronormativos (COSTA; BERNARDES, 2013).

Na contemporaneidade, a centralização dos espaços de lazer voltados à comunidade LGBTQIAPN+ não se restringe somente aos bares e boates. É possível notar a ocupação de espaços, que antes não eram ligados a esta comunidade, como campos de futebol, quadras de vôlei e campeonatos esportivos. O esporte passa a ser um novo espaço de lazer construído longe das discriminações por LGBTQIAPN+fobia, com intuito de promover um ambiente de respeito e confortável para todas as identidades e corpos. A precursora deste movimento a nível nacional foi a LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil, conhecida como “LiGay”. Ao criar, em 2017, o primeiro campeonato brasileiro de futebol, voltado ao público gay, que teve como tema “Futebol é coisa para mano, mana e mona” (FURTADO, 2017; GAMMARO, 2017).

O ambiente esportivo está fortemente ligado à representação masculina branca na história. Embora já tenhamos dado os primeiros passos para dar início a uma caminhada para práticas que englobam pessoas de identidades diversas, elas ainda estão vinculadas majoritariamente a homens cisgênero, brancos e heterossexuais. As práticas corporais reforçam representações ‘ideais’ baseadas na norma de sexo, gênero e sexualidade. Ao desviar da norma, a sexualidade do indivíduo é questionada, como mulheres no futebol são lidas como lésbicas e homens na ginástica são tidos como gays.

Neste sentido, há uma divisão de esportes que expectam uma performance de masculinidade ou feminilidade. Estes direcionamentos são uma forma de manutenção de masculinidades hegemônicas através do gênero, sexo e sexualidade, reproduzindo representações de masculinidades nos esportes, através da associação de atividades que demandam força física, agilidade e competitividade à figura cisgênero masculina (CUNHA JUNIOR; MELO, 1996; PRADO; ALTMANN; RIBEIRO, 2016).

O futebol é o esporte que opera de forma a potencializar as masculinidades hegemônicas e, conseqüentemente, a tríade de sexo, gênero e sexualidade. Sendo subentendido que o campo não é -e nem busca ser- um espaço confortável e até mesmo seguro, tornando-se quase impossível que um homem gay seja atleta de

futebol, muito menos estrela do time. Nesse sentido, o Pampacats, associação organizada com intuito de promover o esporte para pessoas LGBTQIAPN+, foi criado em julho de 2017 em Porto Alegre (RS).

O time emergiu com intenção de promover um “futebol inclusivo”, tendo seu primeiro jogo, chamado nas redes sociais de “Fisrt Gayme”, em 10 de agosto daquele ano. Naquele momento, o foco era no Futebol 7 para homens gays, tendo o primeiro time construído. Em setembro, o voleibol também foi inserido como uma das modalidades representadas pelo Pampa. Em 2018, passa a ser uma equipe poliesportiva e inclui as mulheres também nas suas modalidades.

Neste sentido, há um processo de reconhecimento do indivíduo a partir da criação dos times, para esse estudo, o time de futebol 7 é o foco. Sendo assim, os sujeitos se reconhecem naqueles atletas, buscando um espaço que seja possível o pertencer. Sendo uma maioria de pessoas brancas produzindo o Pampacats, questiona-se quais são os significados e os atravessamentos empreendidos para um homem preto, gay e drag queen. Dessa forma o objetivo do estudo é compreender de que modo ocorre o processo de pertencimento de homens que são atravessados pelos marcadores sociais, raça, gênero e sexualidade em um time de futebol gay.

## METODOLOGIA

Os processos metodológicos tiveram início em um Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física<sup>4</sup> no qual buscou entender as experiências e quais os efeitos das aulas de educação física em homens gays no período escolar. Visando compreender o processo de pertencimento e a inserção em um time de futebol gay e propondo-se a produzir um material empírico em conjunto do interlocutor, o estudo foi baseado a partir de entrevista semiestruturada. O entrevistado participou do time de Futebol 7, durante o período do ano de 2017 a 2020, da equipe Pampacats. Tal time tem como objetivo principal oportunizar o esporte para pessoas LGBTQIAPN+ em Porto Alegre (RS). Além disso, identifica-se como homem, negro, cisgênero, homossexual, drag queen e macumbeiro, acionando uma série de questões para além do esporte em si.

A entrevista ocorreu de forma online, via plataforma *Google Meet*, gravada e, posteriormente, transcrita, foi realizado um segundo contato com o participante via *Instagram*. Visando preservar a sua identidade, o nome foi trocado por nome

4 Trabalho de conclusão de curso apresentado em junho de 2022 na Faculdade Sogipa de Educação Física, em processo de publicação.

fictício. Além disso, o entrevistado concordou previamente com o Termo de Consentimento Livre e Informado [TCLI].

Dessa forma, as falas, reflexões e desabafos do entrevistado do estudo, foram analisadas e desdobradas, a partir das proposições de Robert Yin (2014). O autor divide a análise em cinco passos não lineares, o que possibilita uma (re) organização de diferentes modos, que são: Compilar, organizar as informações, criando uma base de dados; Decompor, fragmentar os dados, gerando novos rótulos e/ou códigos; Recompôr, nova organização dos dados a partir da decomposição; Interpretar, criação de novas narrativas a partir do material decomposto; Concluir, finalização a partir das interpretações provenientes dos materiais produzidos.

O interlocutor do estudo insere-se em marcadores sociais de gênero, sexualidade, raça, religião e socioeconômicas, complexificando, ainda mais, sua identidade dentro do time de futebol 7. Para análise, um recorte foi feito a partir do norteamo de sexualidade e raça. Assim, compreendendo que a sexualidade é um elemento social, flexível não sendo uma característica imutável, construída a partir da bagagem histórica dos indivíduos, envolvendo linguagens, fantasias e convenções, e não algo dado pela natureza biológica (LOURO, 2000). A autora também explica que as formas e possibilidades de vivenciar desejos e prazeres em relação a corpos, na mesma medida que são sugeridas e anunciadas, estas formas podem ser também, reguladas, condenadas e por muitas vezes negadas. Desta maneira, entendemos que a sexualidade se apresenta e se vivencia de diversas maneiras, e que os locais e grupos sociais em que o indivíduo está inserido, de forma direta e/ou indireta influenciam na performance dela.

O conceito de raça aqui é entendido a partir das ciências sociais, sendo uma configuração de uma construção social, fundamentada na hierarquização de grupos pela distinção de marcas corporais, características físicas, possuindo um padrão de homem universal (MOREIRA, 2019). Assim, criando estratégias para que haja uma disparidade entre grupos raciais, conduzindo para uma produção de privilégios ou de desvantagens (ALMEIDA, 2019), possuindo como norma o homem, branco, cisgênero, de elite e cristão. A partir das relações sociais que produzem o entendimento de raça, mecanismos institucionais, sociais e cognitivos são concebidos para que haja uma manutenção na distinção e exclusão social (KALY, 2011)

Neste sentido, para cumprir o objetivo da pesquisa, torna-se necessário compreender, refletir e questionar de quais modos o processo de pertencimento de um homem preto gay ocorre. Principalmente, quando se refere a um time do Rio Grande do Sul, onde apenas 20,2% das pessoas declaram-se negras na capital (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2020).

## “SE É PRA INCLUIR, É PRA INCLUIR TODO MUNDO”: AS QUESTÕES SOBRE A INCLUSÃO NA EQUIPE DE FUTEBOL GAY

A acessibilidade para usufruir de espaços de lazer se diferem baseado nos grupos sociais e representações que um indivíduo possa estar inserido. Os marcadores sociais, como gênero, sexualidade e raça, produzem obstáculos para acessar estes espaços. Aliás, quanto mais marcadores codificados e identificados, maior a dificuldade. Freitas (2016), expõe que espaços de lazer que recebem o público LGBTQIAPN+, não atingem seu objetivo de inserção social. Dado que não é possível suprir como um público só, já que para cada marcador [ou marcadores] necessita-se de uma demanda específica, alimentando assim, desigualdades neste grupo.

Nos ambientes esportivos, homens com masculinidades marginalizadas são tratados de forma pejorativa. Clubes e torcidas utilizam da homofobia como ofensa a seus adversários, criando uma ridicularização coletiva a partir da identidade gay, que se transforma em um comportamento normatizado neste ambiente (BRAGA; CARAUTA, 2020). A busca da legitimidade pelo futebol é complexa, “[...] a condição de diferenciação ou mesmo de oposição que se espera que um homossexual permanentemente ocupe no universo do futebol não se manifesta de forma constante e unívoca.” (ANJOS; SILVA JÚNIOR, 2018, p. 228). Através do relato de Pablo, podemos notar a transcrição do fenômeno citado por Braga e Carauta em relação ao tratamento pejorativo a homens homossexuais no futebol

[...] a gente tinha amistosos e campeonatos, com times formados por jogadores heteros. Então, a gente sempre ouvia aquela coisa, aquelas piadinhas “ai vão quebrar a unha”, e geralmente isso não acontecia, por vezes a gente até ganhava os jogos. (Entrevista com Pablo, 28/03/2022).

O “quebrar a unha” direcionado como uma piada ofensiva, mostra como jogadores heterossexuais veem jogadores homossexuais como frágeis, ou ainda, como femininos, visto que, ter unhas grandes, é uma característica ligada às representações de feminilidade. A falta de ligação da masculinidade ao homem homossexual ou a deslegitimação dela, ocorre, pois os homens homossexuais não são vistos como indivíduos masculinizados, e ela ocorre como forma de afirmar a masculinidade hegemônica heterossexual (BRAGA; CARAUTA, 2020).

A ocupação da comunidade LGBTQIAPN+ nos esportes se deu não apenas pela conquista de tal espaço, promovendo valores sociais e respeitando a diferença, mas também como forma de representação de elementos que manifestam

as suas identidades em campo, as suas roupas, acessórios e comemorações de vitória (RODRIGUES, 2017). Ao realizar o primeiro campeonato brasileiro gay de futebol em 2017, a LiGay contribuiu para a desestruturação de princípios erguidos em torno do futebol como um espaço predominantemente de homens heterossexuais. Desmistificando e superando a crença estagnada de que homens gays não estão aptos ao futebol. Através do evento, indivíduos que partilhavam experiências de opressão e discriminação, motivaram-se através de laços de solidariedade e identificação, produzindo uma aproximação e resistência a instituições heterossexuais opressoras (SANTOS VIEIRA, 2018).

Apesar das contribuições da LiGay para o fomento do futebol gay, com valores positivos e princípios erguidos a partir do respeito às diferenças. A experiência de Pablo no time Pampacats discorda, enfatizando que, nos times voltados a comunidade LBTQIAPN+, a homogeneidade masculina branca e as discriminações também existem. Explicando que, durante seus três anos na equipe de futebol, demorou a perceber certas problematizações “no começo era tranquilo, só que depois eu comecei a abrir mais os meus horizontes e comecei a ver problemas dentro da própria comunidade”.

Quantos homens autodeclarados gays estão presentes na história do futebol? Quantos desses permaneceram na modalidade após uma declaração pública? Há uma tentativa de invisibilizar as sexualidades plurais, mesmo que, na atualidade, temas que eram tidos como ‘proibidos’ ou ‘tabus’ tornaram-se um pouco mais possíveis de serem discutidos, ainda que sejam difíceis. Há uma expectativa para os homens, que necessitam de maneira quase compulsória performar uma masculinidade heteronormativa, excluindo-os de qualquer espaço que não seja uma relação binária e cisgênero.

Pablo, interlocutor do estudo, identifica-se como homem, negro, cisgênero, homossexual, *Drag Queen* e pertencente à religião de matriz africana. Viveu sua infância no interior do estado do Rio Grande do Sul, onde estudou em escola pública, nesta época jogava futebol por obrigação, para não ser visto como diferente, “eu acabava não falando que queria estar com as meninas, aí acabava tentando jogar o futebol para me encaixar [...]”. Teve consciência de sua sexualidade durante o ensino médio, e foi acolhido por seus colegas que o acompanharam desde o ensino fundamental, “No ensino médio foi melhor, [...] já sabia sobre a minha sexualidade, e eu não me importava em me esconder, já me sentia mais aceito pelas meninas e pelos meninos também”. Hoje é conciliador judicial e, também, se dedica ao Carnaval, sendo mestre-sala. Apesar de na infância ter praticado o futebol como forma de se encaixar na turma, após o ensino médio passou a praticar a modalidade por prazer. Durante sua trajetória, participou por três anos em um time de

futebol voltado para o público gay. Em diversos registros, Pablo aparece de turbantes e maquiagem em campo, como forma de mostrar ao público e aos seus colegas de equipe, suas identidades plurais, sua *Drag Queen* que utiliza em suas apresentações símbolos vinculados à negritude.

Podemos perceber que Pablo aciona inúmeros marcadores sociais, complexificando ainda mais as discussões neste estudo. Não podemos deixar de salientar que o interlocutor não aciona os estigmas de representações de corpos pretos, que por diversas vezes são objetificados e hipersexualizados. Em geral, espera-se que homens negros “de verdade” sejam abundantemente viris e com habilidades de danças, esportes e trabalhos (JUNQUEIRA, 2009). Pablo não se encaixa nos entendimentos de um homem negro “de verdade”, questionando, ainda mais, o seu ‘lugar’ na sociedade.

Mesmo que Pablo estivesse ocupando uma posição social dos entendimentos de um homem negro “de verdade”, ainda sim enfrentaria diversas barreiras como o Justin Fashanu. Justin foi o primeiro atleta negro e gay declarado publicamente da história do futebol, que era “um negro grande, forte, e que tinha um grande controle de bola” (FORBIDDEN GAMES, 2017), performava a masculinidade e tinha uma habilidade esportiva fora da média, jogando em times europeus de destaque. Porém, seu desempenho no futebol foi insuficiente no momento em que sua declaração foi exposta em um jornal sensacionalista da cidade, após uma entrevista (MENEZES, 2020). O atleta iniciou sua carreira em 1978, aposentando-se forçadamente após a declaração ser manchete principal nos anos 90, período em que o mundo enfrentava o ápice do vírus HIV e AIDS.

Mesmo Justin possuindo um corpo preto compreendido como ‘viril’, inserido nas expectativas de um homem negro “de verdade” (JUNQUEIRA, 2009), que é treinado, moldado buscando reforçar a virilidade almejada ao corpo do homem negro (RODRIGUES, 2020), foi negado naquele espaço esportivo. Assim, falar sobre sexualidade, de uma maneira diversificada, ainda é negada para homens negros. Principalmente, os homens que estão inseridos em esportes tidos como ‘masculinos’, nesse caso, o futebol.

O fato de Pablo, sendo um homem negro, cisgênero, gay e não se sentir representado dentro de um time que tem como proposta a inclusão e diversidade, nos traz algumas questões: O quão diverso o time é? Para quais classes sociais o time se destina? O interlocutor narra que para ele a inclusão precisa ser feita de forma efetiva “se é pra incluir, é pra incluir todo mundo, não incluir o gay padrão do Bom Fim, que era o que mais ou menos acontecia, daí eu fui perdendo a vontade e não me senti tão representado”.

A representação denominada de “o gay padrão do Bom Fim” é constituída a partir de um padrão estético, comportamental e intelectual em conjunto de

um poder aquisitivo alto, de uma classe social média para mais. Bom Fim é um bairro nobre de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com o rendimento médio dos responsáveis por domicílio de 7,67 salários mínimos (IBGE, 2010). Deste modo, presume-se que o “gay padrão do Bom Fim” citado por Pablo, possui classe econômica elevada, e contempla os padrões estéticos da comunidade gay.

Compreendendo que os corpos se constroem e são manipulados baseando-se na cultura, e que nestes corpos são conferidas diferentes marcas, em tempos, espaços e conjunturas, deste modo o corpo é mutável e provisório (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013). Neste sentido, na cultura gay, os corpos se constroem e são manipulados partindo das normas estéticas da própria comunidade gay. Com a finalidade de ter um corpo ideal, ligado à hipermasculinidade, esta busca é feita pois se alcançada, gera a demarcação social dentro da própria cultura gay (PEREIRA; AYROSA, 2014).

Pablo descreve seus colegas de time de maneira a salientar quem eram os homens produzindo esse futebol “acolhedor”, enfatizando “a maioria dos guris que jogam tem dinheiro, o médico, o advogado, as famílias têm dinheiro. Eles podem e têm condições [...], geralmente são todos brancos, e acho que foi se instaurando esse padrão”. Além disso, desabafa sobre os custos financeiros para estar no time, pois mesmo se esforçando para estar nos treinos e na sua performance não era suficiente, já que para campeonatos fora de Porto Alegre não tinha condições financeiras, “e aí eu ficava de fora”, como relata.

Percebemos que alguns fatores, como auxílio financeiro ou uma homogeneidade de corpos e cor, demonstraram que não havia uma movimentação dos seus colegas de time para diminuir essas diferenças. Assim, seus próprios companheiros produziam uma forma de excluir a presença de Pablo naquele lugar “isso foi uma coisa que me levou a sair, porque eu não me via incluído dentro daquilo ali entendeu?”.

A partir disso, questionamos de quais formas o time poderia ter tratado as situações que excluíram Pablo. Para que ele e/ou outros sujeitos e grupos sociais não passem pela mesma situação. Ficou evidente que não houve sensibilidade por parte do time, no sentido de perceber, e muito menos, apresentar soluções para combater as diferentes situações que geram exclusão.

## **“ME JOGARAM ISSO NA CARA E ME CHAMARAM DE MAL AGRADECIDO”: A DESCONSIDERAÇÃO DOS QUESTIONAMENTOS RACIAIS E SOCIOECONÔMICOS.**

Em uma tentativa de diluir a homogeneidade do grupo, o interlocutor buscou levantar questionamentos com cunho de classe social e étnico-racial para

debater com o time. Porém, para sua surpresa, não recebeu apoio dos companheiros e ainda sofreu com “piadas” sobre sua condição econômica e sua raça. Ao ser questionado sobre as possíveis ações sociais ou políticas públicas dentro do time, responde que “pra mim esses movimentos não existiam, eles nunca foram além, quando eu levantei o fator social e racial no time fui atacado pelos próprios membros”. A ideia de que diferentes estruturas de conhecimento e instrumentos institucionais potencializam e preservam a hegemonia no poder dentro de um determinado grupo social, e o discurso é um instrumento de construção cultural da realidade que (re)produz relações de poder (FOUCAULT, 1995). Neste sentido, fica evidente a interseccionalidade entre raça, sexualidade e condição socioeconômica na experiência vivenciada por Pablo dentro do Pampacats.

Conforme o exposto, notamos que a homogeneidade masculina branca possui um poder social dentro do time, e fez com que Pablo não se sentisse pertencente àquele local. Apesar de também ser um homem homossexual, existiam outros marcadores sociais que fizeram com que ele não tivesse os mesmos privilégios que seus colegas de time. Pablo é um homem homossexual preto e de periferia, e não tinha como arcar com os custos financeiros, para os treinos e viagens a campeonatos. Com intenção de proporcionar auxílio financeiro para ele, houve contato com uma deputada estadual, buscando patrocínio:

[...] teve outra ocasião que buscamos patrocínio para o time, e tivemos uma reunião com uma deputada estadual, ela propôs ajudar com a condição de que o time realizasse ações sociais levando o esporte até os bairros da periferia, como a Restinga, o pessoal não gostou da ideia e acabou que não foi feito nada e também não recebemos a ajuda (Entrevista com Pablo, 04/09/2023).

A falta de interesse do time em levar o esporte para a Restinga é intrigante, visto que é um bairro do extremo sul de Porto Alegre onde 30,5% se autodeclararam negros, além de ter uma renda média de 469,17 reais (IBGE, 2010), enquanto a cidade possui uma renda média de R\$1.600. Assim, os discursos dos -até então- companheiros de time de Pablo se materializam ao negar o convite, contribuindo para a manutenção da inclusão de um perfil específico. Ou seja, eram incluídos aqueles que eram brancos, de classe socioeconômica média para alta.

Dessa forma, ficam evidentes algumas rachaduras dentro do discurso de diversidade e inclusão proposta dentro dos objetivos da equipe Pampacats. Ao negar a proposta de patrocínio, o time dá a entender que não estavam interessados em fazer uma movimentação coletiva para que uma pessoa pudesse usufruir do patrocínio. Mesmo que os recursos pudessem impactar no desempenho dos treinos e, conseqüentemente, nos campeonatos. Percebemos também, que o

time carece de uma consciência social coletiva, que desestruture as barreiras e vá além do coletivo homens brancos cisgêneros e de classe econômica elevada. É fundamental refletir sobre as necessidades individuais que impactam no coletivo, para que o discurso de diversidade não passe a segregar.

Além de não ter sido ouvido pelo time em relação às questões sociais, Pablo também não recebeu atenção em relação ao racismo. Um momento crucial para determinar a sua saída do time, foi também ocasionado pelo racismo: “[...] eu já ouvi piadas no time, em questão da cor, falei sobre isso e não fui ouvido, daí foram vários fatores, que foram juntando”. A partir dos relatos de Pablo, podemos notar que as suas questões, sejam elas quais queres, não eram pautas importantes no time, não eram e nem foram tratadas da forma como deveriam ser, se tratando de um time que tem como fim, a inclusão no esporte e a diversidade.

O poder da fala e o que ela poderia representar como efeito a ações dentro do time, era dos brancos, e não de Pablo, que por vezes tentou dar espaço para questões étnico-raciais dentro do time. Em vista disso, Hooks (1995) aponta que o branco é representado pela civilização, racional, que representa ordem e equilíbrio, enquanto o preto personifica o primitivo ligando concepções entre homem e a natureza. Deste modo, a função de Pablo dentro do time, pareceu ser apenas para a performance, e para o embate em campos, e não de um indivíduo que pudesse representar mudanças a partir de seus apontamentos as questões que colocavam os ideais de diversidade e respeito às diferenças do time em pauta, pontuando as rachaduras e os problemas que elas poderiam causar.

Diante dos fatos expostos, a partir da sua experiência com o futebol dentro do Pampacats, após três anos jogando no time, Pablo desistiu do futebol: “É aquela coisa, vai as gotinhas de água, mas chega uma hora que o copo transborda, e transbordou e eu saí”. Hoje Pablo atua no carnaval, como mestre sala, trabalho ao qual se dedica há oito anos em Porto Alegre, como descrito por ele em seu perfil pessoal do *Instagram* “Minha carne é o carnaval”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das percepções individuais do participante da pesquisa, nota-se que o time, apesar de ter objetivos pautados no respeito às diferenças, carece quanto à diversidade quando ela atravessa outros marcadores sociais, com exceção da sexualidade. Por causa da sua condição financeira, possuía dificuldade em estar agregado ao time de forma íntegra, ainda mais participar de campeonatos. O time detinha na sua composição um perfil padrão de pessoas, essas brancas, com condições financeiras e em empregos com ascensão social. Assim, o time gay não se

constitui como espaço de pertencimento para aqueles de cor e de classe social distintas. A homogeneidade masculina branca produzia um poder social dentro do time, e fez com que o participante não se sentisse pertencente àquele local. Apesar de também ser um homem homossexual, existiam outros marcadores sociais que fizeram com que ele não tivesse os mesmos privilégios que seus colegas de time. Assim, o time gay em questão não pareceu se constituir como espaço de pertencimento e com intuito de acolher homens negros e de classes sociais de menor poder aquisitivo, apesar de ser um espaço que visa ser para todos os homens homossexuais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; SILVA JÚNIOR, José Aelson da. Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro. **Mosaico**, [online], v. 9, n. 14, p. 215-231, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74071>. Acesso: 7 ago. 2023.

BRAGA, Adriana Andrade; CARAUTA, Alexandre Augusto Freire. Futebol, gênero e homosociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 165-190, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844202019>. Acesso em: 3 ago. 2023.

COSTA, Benhur Pinos da; BERNARDES, Antonio. Micro Territorialização homoafetivas na cidade de Presidente Prudente - SP: O lazer noturno e as relações de interface. **Cidades**, Santa Catarina, v. 10, n. 17, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrgs.br/index.php/cidades/article/view/12016>. Acesso em: 10 nov. 2013.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Ferreira da; MELO, Victor Andrade de. HOMOSSEXUALIDADE, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES. **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 18-24, dez. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2229>. Acesso em: 23 ago. 2023.

Forbidden Games: The Justin Fashanu Story. Direção: Jon Carey; Adam Darke. Produção: Adam Darke; Jon Carey; Leo Pearlman. Netflix, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FREITAS, Bruno. **Cidade, gênero e sexualidade: territorialidades LGBT em Uberlândia**, MG. 2016. 194 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

FURTADO, Tatiana. Rio recebe primeiro campeonato brasileiro apenas com homossexuais. O Globo, 19 nov. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/2SYd1e0>>. Acesso em 20 ago. 2023.

GAMMARO, Victor. Champions Ligay: Rio recebe o primeiro campeonato brasileiro gay de futebol. Correio Braziliense, 25 nov. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2D8Zz1l>>. Acesso em 20 ago. 2023.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. Estudos feministas, ano 3, n. 2 – Dossiê: Mulheres Negras. Florianópolis, p. 464-478, jun/ dez 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal**. In. \_\_\_\_\_ (org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Ministério da Educação. Brasília, 2009.

KALY, Alain Pascal. Desprestígio racial, desperdício social e branqueamento do êxito. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 126, p. 21-31, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/15160>. Acesso em: 14. nov. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogia das sexualidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MENEZES, Gabriel. Quem foi Justin Fashanu, o primeiro jogador de futebol a se assumir gay publicamente? Disponível em: <https://tntsports.com.br/amp/melhorfuteboldomundo/Quem-foi-Justin-Fashanu-o-primeiro-jogador-de-futebol-a-se-assumir-gay-publicamente-20200628-0017.html>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

PEREIRA, Severino Joaquim Nunes; AYROSA, Eduardo André Teixeira. Corpos consumidos: cultura de consumo gay carioca. **Organização & Sociedade**, [S. l.], v. 19, n. 61, p. 295-313, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistasoes/article/view/11199>. Acesso em: 10 ago. 2023.

PRADO, Vagner Matias do; ALTMANN, Helena; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. CON-DUTAS NATURALIZADAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: uma questão de gênero? **Currículo sem fronteiras**, v.16, n. 1, p 59-77, jan/abr. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/178177>. Acesso em: 10 ago. 2023.

RODRIGUES, Alysso. Vai começar a Champions LiGay: conheça as histórias e como surgiu o primeiro Brasileiro homossexual. *Lance*, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2qzsK6q> Acesso em 21 ago. 2013.

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro: **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 267-284, jan/jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/cqt/article/view/9281>. Acesso em: 20 ago. 2023

SANTOS VIEIRA DE JESUS, D. “Futebol é coisa para mano, mana e mona”? A LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 10, p. 343-372, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/26521>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Saúde divulga boletim epidemiológico sobre saúde da população negra | Prefeitura de Porto Alegre. Disponível em: <http://prefeitura.poa.br/sms/noticias/saude-divulga-boletim-epidemiologico-sobre-saude-da-populacao-negra>. Acesso em: 21 ago. 2023

Yin, Robert K.. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. 5. ed. Porto Alegre Bookman Editora: 2014.